



ALDEIA DE DEUS

TCHEHUNDA TCHA NZAMBI



Lueji Dharma

Dedicatória

A Aldeia de Deus é a minha prenda para os angolanos... por uma Angola melhor!

Lueji Dharma / Nzambi é Amor

Voo à liberdade!

Perdeu-se pelas ruas da vila, onde viviam enquanto do Céu as gotas de chuva se abatiam sobre o seu corpo, misturando-se com as lágrimas eternas que molhavam o seu rosto. Na verdade, a dor que a angustiava era o preço da liberdade. Magoava-o, magoava-se, todavia conquistavam a liberdade de amar e de ser amados. Rezava na solidão da dor que lhe cortava a carne ensanguentada num vazio escravo, para que o perdão surgisse. Afinal, quem não quer ser livre? Afinal, quem pode ser inteiro sem a famosa da liberdade? Não estava a ser libertina!

Não procurara magoar, apenas tentava ser verdadeira consigo e com os outros, fiel aos seus sentimentos, autêntica! Enquanto as gotas de chuva inundavam o seu corpo, correndo entre a sua pele quente e o vestido molhado, desmaiou de dor, vezes sem conta! E de todas as vezes, sentiu-se consumida pela tal de liberdade. Afinal, era essa a sensação de ser livre?! Ser verdadeiro? Ir contra a heteronomia, o tal padrão normativo, procurar satisfazer aquela voz que implora das profundezas da alma.

Oh, Deus, quando me decidi a ouvir-Te? Calou-se na certeza de que a resposta não se abateria sobre ela como a chuva que inundava o seu corpo. A resposta viria num sem número de peças de um puzzle que talvez, mais tarde, se juntassem e, como por milagre, compusessem um belo quadro.

Num ímpeto de medo, ainda pensou voltar! Recuar! Mas, o riacho de água turva ao descer a calçada apagou a marca dos passos do seu passado. Naquele ponto de viragem, ir contra a corrente da emoção seria mais loucura do que voar sobre as marcas dos desejos íntimos do interior.

Voo à Liberdade

*Vim do abstracto
No nada com que nasci
Apenas substrato!*

*Vim sem submissão
Vim sem servidão*

*Num choro de determinação
A Vida foi força-motriz
que busquei por instinto
a sobrevivência!*

*Naturalmente, fiz-me gente
com Querer e Vontade
Desejo tornou-se necessidade
Busquei informação
transformei-a em conhecimento
e encontrei Heteronomia!*

*e na divergência moral
no encontro das regras
perdi-me e desequilibrei-me
obedeci ao meu Eu condicional!*

Faltei-me!

*Sem desistir superei-me!
das condições condicionantes
expus interrogações preocupantes
quis autonomia
decidir com conhecimento
sem o próximo ferir*

Renasci!

*Lueji Dharma
ser livre sem ferir*

*Percebi!
Ser Livre!
é desejo vindo do coração
Misto de amor e paixão
numa Verdade do Ser Inteiro*

*Pleno de Amor pelo EU
que se vê reflectido
na sabedoria
de quem equilibra
o Físico e o Químico
O Biológico e o Psicológico*

*Num voo espiritual
que alcança a supremacia
de gritar Eu Sou!
num caminho de auto-realização
de quem vive com o coração*

*E acredita na magia
repousando na lógica da razão
e na responsabilidade da emoção
Buscando na força da acção
A realização da Missão
De Ser apenas o que Eu SOU !*

Lueji Dharma

A lógica do amor

A minha Lueji, filosoficamente e com a lógica da razão, buscava descortinar o movimento do Universo. Ó pobre Lueji! Também já me perdi na lógica da razão, já tentei encerrar no compartimento da minha mente o universo. E, como uma criança que quer encerrar o mar num aquário, inundeimei-me de frustração e desilusão. O universo não cabe em nenhum compartimento e em nenhuma lei física. A lógica poderá dar-te algumas respostas, mas apenas a imaginação te fará encontrar a paz. Inventá-te e reinventá-te! Recria-te e recria o teu mundo! És livre! Mas, não tentes encerrar o mundo e a lógica do universo num pensamento.

Num discurso apelo ao espírito e confesso-lhe por entre sussurros:

- Imprescendível é sair de mundos pequenos para, num voo espiritual, poderes conhecer o Céu e veres-te integrada no Todo. Não estás só! Integras o movimento dos lagos e dos oceanos e a trajectória das estrelas cadentes. És as folhas reluzentes das árvores, os frutos silvestres e as raízes do conhecimento. Liberta-te; deixa-te ir! Livra-te do controlo e percorre o mundo ao ritmo das gotas de água, das marés e das correntes. Nada como flituares ao sabor das brisas e dos ventos. Não tenhas pressas, aprecia a viagem que se desprende desse todo que ainda desconheces.

Fui escravizado!

*Ouvi um sussuro,
Um cheiro de fora...
cá dentro um sopro imenso
de quem quer ir-se embora!*

*Fiquei calado e manso
perante a maldade*

*Calei-me calado!
e ouvi um grito revoltado
um toque de fora
e cá dentro um medo zangado
de quem espera amordaçado
mudo e calado*

*Calei-me bem calado!
Confiscaram-me a lealdade
Varreram a minha bondade
Fizeram-me buélo
Sem pátria
um escravo*

*Apagaram a minha história
Cobraram-me a identidade*

*Paguei caro!
O silêncio nefasto
da minha mediocridade
Pois fui escravizado!*

Lueji Dharma

Mesmo assim me levantarei

Olhou para o ecrã e na pasta que tinha deixado aberta, estava em destaque o texto “ I still rise” da Maya Angelou. E quase que do nada as palavras do poema faziam eco na sua mente e reboavam, lentamente, no olhar da sua alma. Parecia que as palavras desenhadas no ecrã ganhavam forma e saltavam do portátil, para lhe oferecerem bálsamos para o sofrimento. Se aquele outro ser a ferira, foi, acima de tudo, porque ela deixara. De alguma forma, ela deixara transparecer uma fragilidade assente na ausência de confiança nela. Essa ausência de confiança e medo de ser verdadeiramente ela eram as portas da entrada da dor.

Still I Rise

*You may write me down in history
With your bitter, twisted lies,
You may trod me in the very dirt
But still, like dust, I'll rise.*

*Does my sassiness upset you?
Why are you beset with gloom?
'Cause I walk like I've got oil wells
Pumping in my living room.
Just like moons and like suns,
With the certainty of tides,
Just like hopes springing high,
Still I'll rise.*

*Did you want to see me broken?
Bowed head and lowered eyes?
Shoulders falling down like teardrops.
Weakened by my soulful cries.
Does my haughtiness offend you?
Don't you take it awful hard
Cause I laugh like I've got gold mines
Diggin' in my own back yard.
You may shoot me with your words,
You may cut me with your eyes,
You may kill me with your hatefulness,
But still, like air, I'll rise.*

*Does my sexiness upset you?
Does it come as a surprise
That I dance like I've got diamonds
At the meeting of my thighs?
Out of the huts of history's shame*

*I rise
Up from a past that's rooted in pain*

*I rise
I'm a black ocean, leaping and wide,
Welling and swelling I bear in the tide.
Leaving behind nights of terror and fear*

*I rise
Into a daybreak that's wondrously clear*

*I rise
Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave.*

*I rise
I rise
I rise*

Maya Angelou

AINDA ASSIM, EU ERGUER-ME-EI

*Podem riscar-me da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Podem jogar-me contra a terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me erguerei*

*A minha presença incomoda-o?
Porque meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.
Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.*

*Você quer-me ver quebrada?
Cabeça curva e olhos no chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?
Meu orgulho ofende-o?
Tenho a certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouro escondidos em mim.
Pode atirar-me palavras fatais,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me erguer.*

*Minha sensualidade incomoda-o?
Enquanto você se pergunta*

*Porquê que eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?
Dos ghettos, da humilhação imposta pela cor*

*Eu me levanto
De um passado enraizado na dor*

*Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.
Deixando para trás noites de terror e atrocidade*

*Eu me levanto,
Em direcção a um novo dia de intensa claridade*

*Eu me levanto,
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.*

*E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.*

- Mesmo assim, eu erguer-me-ei. Mesmo assim, eu erguer-me-ei. Mesmo assim, eu erguer-me-ei!

Foi dizendo como se de um mantra se tratasse até que, esgotada, adormeceu sobre o sofá.

Bebeu da confiança dessa outra mulher, outrora também vituperada, ao ponto de escrever algo de tão manifestamente intuitivo e verdadeiro. Tudo o que Maya Angelou descrevia parecia ser ela...

Enquanto se dirigia à cozinha para preparar uma refeição ligeira, entoou alguns versos que lhe ficaram retidos na mente. A sua voz interior declamava, de forma contínua, frases ligadas ao que lera no poema de Maya Angelou:

- Pois saibam que sempre me erguerei, porque encerro, em mim, o passado místico e mágico dos meus ancestrais. Acreditem que sempre me erguerei, porque simples e docemente, embora perdida, ainda assim, tenho esse desejo bem latente nas minhas veias, no meu suor, na minha pele, na minha alma e contra o desejo divino, nem mesmo o Diabo.

Novo Rumo

E, lá ao fundo, onde a vaga de calor fazia ondular a massa de ar, conferindo a sensação de uma janela de vidro derretido, ouvia-se uma voz masculina declamar o poema:

Kalumba

*Ela veio do mato
e confundiu
as estrelas com as luzes da cidade*

*Na cidade
os seus olhos eram duas estrelas*

*E no coração de muitos homens
não brilhou outro sol
se não a linda filha de soba
que viera das terras da Lunda
e morava no musseque Sambizanga*

*Mas os seus olhos confusos
descobriram na cidade
um mundo diferente
onde a sua alma era aferrolhada
nos navios que levaram do Congo
os homens sobre o mar*

Kalunga! Morte

*Aquela cidade era um mar
era a sua morte*

*E na cidade brilhante
que é um mundo, um mar*

*Kalunga!
onde em cada rua partem navios
para longe de cada homem
perdeu duas estrelas*

*Os olhos
da linda filha dum soba da Lunda.*

Agostinho Neto

E, como no decorrer de uma história todo o corpo ficou ausente, enquanto num lamento ecoam os versos do poeta herói: a sua “alma aferrolhada” aproximava-se da morte, porque “ela viera do mato” e nunca se habituaria às “luzes da cidade”. Aquela terra onde estava “era asua morte”. E desprovida de opção e ainda ciente de uma missão teria de procurar um: “NovoRumo”.

Novo Rumo

*Na alta noite dos caminhos
sem nome
o nosso nome é ritmo
o nosso destino é a Vida*

*O ritmo
dos passos incertos dum filho pródigo
que por herança teve azorragues
e se esbanjou em fé
em hesitações em amor
e regressa desiludido
mas ainda crente
procurando em si
o homem que perdeu*

*O destino
é a própria História
o Início
a Concordância
Somos o ritmo construtivo
do Novo
na alta noite
dos caminhos sem nome.*

Agostinho Neto

O *puzzle* começava a recriar a imagem que o originou, era, no fundo, um conjunto enorme de indivíduos que se sentiam vazios e ociosos, mas com imenso potencial. Homens e mulheres de todo o mundo procuravam, esperançosamente, por um Novo Rumo.

Ela sentia-se a linda filha do Soba da Lunda que se tinha esvaído em amor, que se tinha desiludido e, mesmo ferida de morte, preferia persistir na defesa do Amor. Sim! Não desistira do seu passado, da sua história, das suas origens, dos seus antepassados e, confiante, buscava sempre essa identidade perdida. Perdera-se e perderam-na. Encontrou-se e agora encontravam-na. Resgatavam-na dessa terra que não a entendia e onde estava condenada à desilusão. Exigiam que se afirmasse, que fosse verdadeiramente Lueji. Lembrava-se das constantes palavras de Beló:

- Pára com os porquês e deixa-te guiar! Há um *exército* que te protege e encaminha. Só tens de aceitar e de seguir as pistas. Tudo vai dar certo; olha

para mim! Eu também já estive desse lado. E agora deixei o patamar de um iniciado e encontro-me uns degraus mais à frente!

- Mas, como? Não sei fazer isso.

- Confia no teu coração e no tempo certo saberás. Ora e vigia! Ora e vigia! Não deixes de ser

quem és, mas também não deixes que saibam já quem és! As forças do mal existem e

tentarão, a todo o custo, fazer-te crer que a caminhada é vã. Que mais vale desistir, que tudo

do outro lado é incerto!. Terás de ser forte! – disse, enquanto se preparava para entrar no

carro.

- Espera, que confronto é esse? – indagou receosa; não lhe apetecia passar por sofrimentos desnecessários. Tinha uma vida confortável, sem grandes perigos, exactamente pelo medo que possuía de sofrer.

- É o confronto com o teu ego, com os teus conceitos e preconceitos. Essa caminhada só pode ser feita por ti. Só tu poderás vencer os teus medos. Eles são os teus demónios.

- Todavia, a força do mal sou eu mesma? – estremeceu Lueji, esperando por uma resposta mais tranquilizadora.

- Mais ou menos! Deixaste-te dominar pelo medo, pelos sentidos e pelos desejos! E é aí que as forças do mal te têm sob controlo; cabe a ti acabar com esses medos.

- Como posso fazer isso Beló? – perguntou Lueji.

- Até agora a tua vida foi uma mera ilusão. Fizeste muito pouco para concretizar a tua verdadeira missão. O teu espírito terá de passar por várias experiências até se libertar dos demónios que te aprisionam.

- Demónios? E estão em mim? – disse Lueji, querendo fugir de si própria. O Beló podia ter utilizado umas expressões menos fortes.

A mudança

Se os anjos chorassem, neste momento, seria um rio de lágrimas, onde as cascatas se lançam violentamente em lagos de regozijo. A minha Lueji dará, finalmente, o primeiro passo para para o interior. A partir de agora, tudo se encaminhará para que possamos realizar a nossa missão.

Já conseguia ver, finalmente, a minha ascensão a esse Reino de Deus e deixar, para trás, a Aldeia de Deus. Lueji será o próximo anjo da Aldeia de Deus. O meu corpo imaterial expande-se cobrindo toda a minha nação e quase açambarcando o universo. A esperança é a última que morre.

Então canções nesta minha aldeia e desprendo os meus belos cabelos no canto das cotovias. O sussurro do vento traz em mim ventos de mudança. Serei, em breve, o Universo e o Universo encerrar-se-á em mim. Mais um anjo percorrerá o mundo, fazendo-me um artífice do mundo angelical e a vida correrá mais longe do mal, porque persisti e não desisti de ti, Lueji. O encanto da Aldeia de Deus torna-se mais intenso.

Vejo as fadas pentear-me os cabelos pretos que escorregam, docilmente, nas suas mãos.

- Canta que encantas, Rainha. A tua Lueji em breve estará entre nós.

E, num som sibilante, a melodia cobre-se da doce poesia:

Nasce de ti

A doce sabedoria

Porque tu

És simplesmente tu!

E sem te desligares da alquimia

Aguerrida defendes

A Tua Identidade

Desistes dos perfis

Para SERES

TU

E, num refrão, as fadas subindo pelas pétalas das glicínias cantam sobre a composição

melódica das aves da alegria:

Porque Tu és TU

Essa é a doce sabedoria

Da alegria!

E, na doce sinfonia da natureza, sobre o voo razante das borboletas, deixei-me cair sobre o

manto de orquídeas que invadem os beirados dos caminhos desta floresta mágica que fica no

Leste de Angola. No Miradouro da Pedra do feitiço, observo as águias voarem cada vez mais

próximo de mim. Sentem-me mais perto delas, na certeza de que nem o céu é o limite!

Por Ti e em Ti - Nzambi

Este é o ponto de partida para a evolução. Escolher amar sem expectativas, sem cobranças nem apego. É preciso sairmos do nosso corpo para nos vermos de fora, sem ilusões. Só nesse estado de desapego podemos reconhecer os nossos erros. Preferir morrer a matar. Preferir o perdão à vingança. Escolher viver no Dharma, na sabedoria em detrimento da escuridão. Para esta caminhada, é necessário deixarmo-nos a nós mesmos pelo caminho. E, quando me refiro a nós, falo dos nossos egos, pois quem se conhece, realmente, sabe que nada por si criado é realmente seu. Somos apenas a caneta sobre o papel; a sabedoria e a inspiração provêm de cima, embora só penetrem em seres com “muxima puena”. A humildade e a compaixão são características indissociáveis dos sábios, que em comunhão com as leis da Natureza, se colocam ao serviço do Cosmos.

Por Ti e em Ti

*Percorri pelos becos e vielas
Nas cores do arco-íris
E na ilusão das mulembas
Fiz de mim atriz*

*Vivi na certeza
De um filme que não criei
Na calminha da pobreza
Levantei-me de um chão
E no salgado das lágrimas
Encontrei o mar morto
De quem vivia de esmolas
A brincar no riacho eterno*

*Desprendi-me da emoção
Na busca do mundo perfeito
Me isolei no coração
Usei e abusei da fé
Lancei-me no desfiladeiro
E aos Teus pés
Libertei-me do ilusório*

*Saí de cena
Em busca de uma pena
Cuja tinta flúi
Reescrevi Atenas
Ao meu lado pinteí borboletas
Em cima um céu infinito
Nos campos, abundantes colheitas
De quem já não vê maleitas
Sem medo cresci crianças
Sem dúvidas transcendí esperanças*

*Transgredi regras
Libertei heranças
Guiei-me na linha ténue da luz
Viajei como águia veloz
Sedenta de quem faz jus*

*Te condenei atroz
Nos milagres me maravilhei
Em cânticos me incentivei*

*Por Ti sei que vencerei
Pois sempre viverei
Não tenho luxo
Mas abundância
Na lentidão do buxo
Ressuscito a lembrança.*

*E no meio do silêncio
Uno-me ao Universo
Na meditação do deserto
Me entrego!*

*Elevo-me em Ti
Conforto-me no teu colo
Encontro-me em Ti
E caminho em teu regaço
Construo paisagens
Com tapetes de flores
Transparecendo amores
E árvores de mensagens
Ascendo em liberdade
Amo em plenitude
Sou divindade
Vivo em Unidade
Sou Dharma.*

Lueji Dharma

O amor

O amor permite laços impossíveis de quebrar. Temos uma missão mas, nada nos impede de ir amando pelo caminho. Eu tive a sorte de encontrar a alma-gémea muito jovem. Mas nem todos têm essa sorte. Muitas vezes a alma-gémea que nos está destinada ainda não está preparada para nos amar. Há um momento crucial onde a cara-metade cruza o nosso olhar.

Esse olhar é fatal! Se alguma das nossas desculpas fúteis nos impede de a vermos, muito dificilmente, o encontro se dará novamente.

Aquela fracção de segundo comparada ao espaço percorrido por uma lágrima ao cair sobre o chão gélido é decisiva. Se o coração estiver sabiamente preparado reconhecerá e, inevitavelmente, batalhará por esse amor, venham as barreiras que tiverem de vir. Mas é tão difícil, porque nessa fracção de lágrima a cair é preciso que o outro coração também reconheça a fatalidade da seta do Cupido. Um amor eterno decidido num espaço universal numa fracção de segundo infinitamente pequena. Mas no mundo o que não faltam são lágrimas que caem quando menos se espera. E Lukeny tinha caído sobre a face de Lueji deixando-a a contemplar a magia libidinosa dos lençóis.

Almas-gémeas

*Uma história de amor
travada em terras
inundadas pela nostalgia
de duas almas
que almejam ser gémeas
em momentos mágicos
inundados do prazer
onde a magia dos lençóis
é a alquimia
da completa sinfonia
que traduz a melodia
do coração*

*Num regozijo prazeroso
de quem vai e vem
num movimento frenético
de ir e vir; vir e ir
Inconstante
Incessante
de uma flor inconfidente
que se abre ao ter*

Lueji Dharma

*Carpelos e estames
num deleite jocoso
de quem vive a vir
em céus libidinosos
onde a catarse ascende*

*ao expoente da ousadia
das posições efémeras
em segundos de prazer
do ver e antever
o orgasmo patente
em lábios que se consomem
na lassidão do desejo
na volúpia dolorosa
de quem excede o pecado*

Lueji Dharma

O diagrama sona – Deus em Mim

E Lueji impávida deparou-se com a projecção luminosa de um diagrama no tecto da pequena cubata. O diagrama decompunha-se harmoniosamente nos 11 símbolos também representados nos quadros que tinha no seu *pen drive*. Percebeu que eles formavam uma espécie de estrela de David que normalmente pontuava a testa das máscaras *tchokwe* – símbolo da sabedoria divina.

- Consegues perceber filha, o caminho?

- Não tenho bem a certeza. Mas julgo que sim. No entanto, Utima, diga-me o que sabe destediagrama?

- Sei que tens aqui representados os 11 símbolos que me foram pedidos para incluir em cada um dos quadros que tiveste acesso. E pouco mais. E a todo este conjunto que a mesa reflecte os mais velhos denominavam a chave para a Tchehunda tcha Zambi. Contam os mais velhos que eram imagens semelhantes às que a Rainha do Sabá trouxera do Reino de Salomão. Lueji perdeu-se a olhar para as imagens ou símbolos que a luz trémula do candeeiro reflectia na parede.

- No fundo todos estes símbolos representam figuras de madeira que compõem o famoso Ngombo. Lueji fixou as figuras que agora brilhavam ondulantes no tecto da cubata de Utima.

Ela sabia que todos aqueles símbolos davam acesso ao mundo da magia que permitia materializar os sonhos. Na posse do Ngombo e sob o poder do amor poderia realizar magia. O amor abria-lhe portas para o poder da sabedoria. Agora toda aquela caminhada começava a fazer sentido. O *Ngombo* e a magia nele encerrada permitiriam dar forma real ao arquétipo quebrando as distâncias entre mundos paralelos.

- Para começar Utima apontou para a célebre figura do Pensador. Sei que já conheces esta figura de a ver banalizada nas notas de *Kwanza* e noutros logótipos, mas sabes o seu verdadeiro significado?

- Eu reconheço a figura mas nunca pensei muito sobre o seu simbolismo – confessou Lueji sentindo-se uma má aluna. Apercebia-se que passava pela vida sem questionar o verdadeiro sentido das coisas.

- Não te recrimines Lueji. O mundo está feito de forma a não pensares e passares os dias a correr em busca de uma miragem. Foste treinada para seres como um cão que corre atrás da bola sem saber porquê? – confirmou Utima com a sapiência de uma mais velha que conhece o mundo dos homens.

- Agora essa realidade começa a ser evidente, mas até há uns dias atrás estava convencida que o mundo era apenas o trabalho, o percurso para casa e tudo o que lia nos jornais ou via na televisão – disse Lueji arrependida do tempo que perdera.

O que é poesia?

- Eu também escrevo. E quando encontro alguém com quem partilhar esse gosto quase que me torno num conversador compulsivo. Em geral, sou reservado, mas quando tenho o prazer de encontrar alguém com quem conversar sobre Literatura confesso não hesitar. Não leve a mal a minha falta de etiqueta, mas compreenda o meu isolamento e a minha felicidade em encontrar uma escritora por estas bandas. As palavras deste escritor solitário saíam com uma tristeza infinita que conseguiram comover Lueji:
- Fale-me das suas obras, confesso que estou curiosa - referiu enquanto se sentava na mesa para se deliciar com uma sumarenta fatia de ananás.
- Eu não sou propriamente um escritor, sou mais um escritor de poemas que não se consegue assumir como poeta.
- Um escritor da arte exponencial dos sonhos – exclamou Lueji perante um poeta encabulado.
- Oh! É mais ou menos isso! Embora entendo que poesia é a melhor revolução.
- Revolução?! Não entendi a transição – confundiu-se Lueji que, pouco ou nada, sentia a poesia como revolucionária.
- Simples, cara colega. Disse o escritor fazendo-a associá-lo à imagem do Hercule Poirot quando explicava a solução dos crimes em investigação.
- Pense na frase de Manuel Rui Monteiro "Entre a guerra e a paz retorno fisicamente ao poema, constante meditação primeira", ou ainda, na opinião de António Jacinto patente na carta que escreve a Mário Pinto de Andrade em 1952 "Eu creio firmemente que é pela poesia que tudo vai começar"
- "Eu creio firmemente que é pela poesia que tudo vai começar"! – a simplicidade daquela frase contrastava com a complexidade simbólica da mesma. Essa frase aparentemente simples está plena de significado. Acredita nessas afirmações? Claro que sim! É por esse motivo que continuo dedicado de alma e coração à poesia; a arte primeira!
- É uma forma interessante de analisar a poesia!
- Assim as formas literárias, e em especial a poesia, são criadoras de sonhos e utopias que o homem persegue para fazer acontecer o sonho; analise bem este trecho disse o homem carregando a voz para declamar:

*"Amanhã
Entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
Os teus filhos mãe
Vão em busca de vida"*

Agostinho Neto

- Comovente a forma como esse amanhã é o hoje. O futuro sonhado por Agostinho Neto transformou-se em presente!
- POESIA É REVOLUÇÃO! E eu como António Jacinto "creio firmemente que é pela poesia que tudo vai começar"! Exclamou o homem batendo com força

sobre a mesa, fazendo com que Lueji saltasse da sua cadeira. Não a incomodo mais! Tenho de sair! Foi um prazer Lueji e desculpe o entusiasmo exacerbado.

- Já vai? Queria perceber mais...

- Tenho mesmo de ir mas antes, ofereço-lhe este poema escrito por mim. É o meu presente pela sua paciência.

Viu o poeta afastar-se declamando algo imperceptível. Riu-se daquela figura caricata. Há pessoas que vivem noutra dimensão. Levantou-se para ir buscar um café. Sentou-se com a chávena quente nas mãos e leu o poema manuscrito:

O que é Poesia??

*Um breve deixar de ser
na ausência de certeza
na libertinagem da desilusão
na ténue factuality
dos factos
na vã verdade da realidade*

*Uma certa ilusão
nesse outro mundo
da além física*

*A tal da revolução
coberta de odes épicas
e floreada de versos de amor
fazendo jus à existência
percorrendo a ausência
nas sete artes da dor
da além-dor da meta física
do eterno casual
do sempre tempo espacial
numa grand'eloquência natural
da liberdade gramatical*

*Que se alcança
na doce aliança
entre o papel e o oral
gravando a volatilidade
dos sentimentos emergentes
que dão vida à alma
e língua ao além invisível
pintando a alma do universo
esculpindo a obra do artífice
soletrando a língua da estética
homenageando a poética da arte
na livre poesia...*

Lueji Dharma

Para ti foi revelado

*O caminho para a Aldeia de Deus
Em ti reside a sabedoria
Do Templo de Salomão
Que nem rainha de Sabá
Conhecimento procuraste*

*E encontraste
Quem busca
Encontra*

*A magia dos anjos existe
Basta no silêncio invocar
Com o coração de quem crê
E não vive para o que vê
Mas com os olhos da fé
Alcança na esperança
A divina aliança
A magia da criança
De quem vive para a luz*

*Orientado para o sol
Por ti aguardo
Na Aldeia de Deus
A nossa Tchehunda tcha Zambi!
O teu anjo da Guarda!
Tua ancestral real
Lueji*

Lueji Dharma



LUEJI DHARMA

É com muita alegria que vejo a **Aldeia de Deus / Tchehunda tcha Nzambi** ser o **11º livro da Ebook Angola**. Vejo neste facto um momento de partilha com o mundo de uma paisagem onde o que mais interessa é o resgate do ser e do entusiasmo. Buscar ardentemente na fé a verdade erudita de que Deus/Nzambi é a única fonte de sabedoria.

Lueji Dharma
21 de Setembro de 2011

Este eBook, contém apenas os poemas do livro e alguns extratos, é uma versão de apresentação do romance “Aldeia de Deus” da escritora Lueji Dharma

Adquira o livro completo!
(versão impressa e autografada, com 245 páginas)

Por apenas 2500 kz

ligando
para os terminais:

928 378 695 - 927 001 780

eBook Angola

A sua livraria virtual...

The logo for eBook Angola features the word "eBook" in a large, bold, yellow-to-orange gradient font with a black outline. Below it, the word "angola" is written in a smaller, lowercase, orange-to-red gradient font with a black outline. A horizontal line separates the two words.

Visite-nos!
www.ebookangola.com

A eBook Angola é uma editora/livraria virtual que surge como uma forma alternativa de publicação para para os escritores angolanos.

Publica gratuitamente eBooks (livros digitais) angolanos que ficam disponíveis no site para que os leitores possam fazer o Download e lerem em seus computadores, Pads, telefones.

Uma iniciativa
Movimento Literário LevArte Angola



Tel. : 927 00 17 80

e-mail: ebookangola@hotmail.com

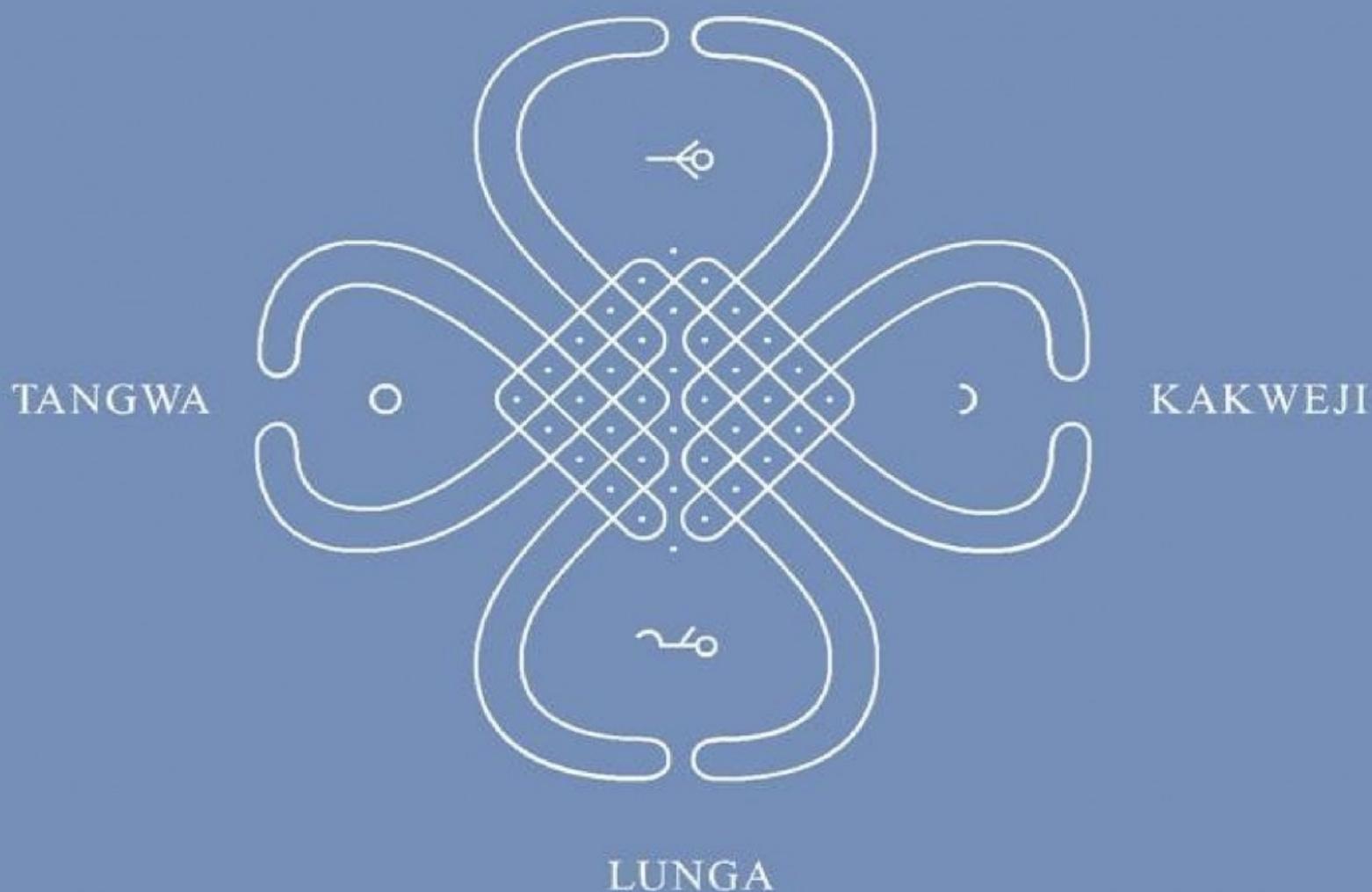
site: www.ebookangola.com

Facebook: www.facebook.com/ebookangola

Também disponível gratuitamente na Kompletus.com



A maior loja virtual angolana.



«Aldeia de Deus»! Que na minha língua se chama: «Tchehunda tcha Nzambi»! A Aldeia de Deus, que desde criança ouvia os mais velhos falarem, é onde vivo desde que morri! Pois é! Morri há muitos anos. Revelar quem fui, não importa! As minhas memórias confundem-se com a época e as tradições do Império Lunda-Tchokwe. Agora, livre neste mundo angelical, revejo-me na crença do espírito que vive para além da morte. Etérea e eterna, conquistei a Tchehunda tcha Nzambi, onde só acedem os *mbungue ipema*, pessoas de bom coração.

Uma aldeia remota no firmamento de uma montanha entre Angola e o Congo, onde a neblina serve de portal a quem se acerca. A rotação anti-horária dos ventos desvela o centro da aldeia, límpido e tranquilo. As plantas populadas de folhas e flores brilham intensamente. Os aromas da terra confundem-se com a fragrância das flores. Moro no monte das madressilvas e das glicínias. Pode-se dizer que, no meu jardim, as borboletas e as fadas abundam! Um paraíso na Terra!

Lueji Dharma Editions

ISBN 978-989-97294-0-7

